

Resumo:

O presente artigo apresenta resultados da pesquisa de dissertação denominada “O olhar que se faz olhar: os sentidos do Espaço Estético do Colégio de Aplicação da UFSC para alunos do Ensino Fundamental”, a qual foi realizada com o objetivo de analisar como os alunos interpretam o processo de educação estético-artístico-visual a que foram submetidos, bem como se e de que forma, este espaço provoca mudanças no olhar estético de quem por ali transita. Os aportes teóricos da Psicologia Histórico-Cultural de Lev Semenovich Vygotski e interlocutores, bem como a proposta Triangular do Ensino de Arte de Ana Mae Barbosa fundamentaram a realização do presente estudo. Na dinâmica de investigação, foram utilizados como procedimentos para a coleta de informações: entrevistas com onze alunos, observações *in loco* e documentos, sendo a análise de conteúdo utilizada para estudo, interpretação e compreensão das informações obtidas. No intuito de apresentar os sentidos do Espaço Estético no contexto escolar, o artigo enfoca a fala dos alunos, apresentando as categorias de sentido atribuídas ao Espaço Estético pelos sujeitos da pesquisa. Constatou-se a importância de espaços estéticos, artísticos, didáticos e pedagógicos em contextos escolares por possibilitarem o acesso ao universo da produção estético-artístico-visual, criando condições para que alunos e comunidade escolar vivenciem experiências significativas, através da exposição da produção, da fruição dessas formas e das reflexões provenientes da relação arte-vida, expandindo, na dialogia com o outro, valores e conceitos culturais, estéticos, artísticos visuais e éticos.

Palavras-chave: Educação do Olhar; Ensino de Arte; Espaço Estético; Psicologia Histórico-Cultural.

²⁹ Professora de Artes Visuais do Colégio de Aplicação da UFSC, especialista em Arte-Educação pela UDESC, mestre em Psicologia pela UFSC. E-mail: fabiola@ca.ufsc.br

Abstract:

The purpose of this research is to investigate the senses of the aesthetic space of Colégio de Aplicação (Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC) for 8th grade students, with a view to analyzing how these senses signify in the visual, aesthetic and artistic literacy process to which the students were exposed. Moreover, the study also aims to investigate how this space provokes changes in the aesthetic eye of whom uses that particular space. The theoretical apparatus informing the current research is based on Historical and Cultural Psychology, especially the ideas proposed by Vygotski and his interlocutors, as well as on the “triangular” proposal for the teaching of art put forward by Barbosa. As methodological procedures for data collection the following steps were taken: interviews with 11 students, observations in loco and of documentation, where the analysis of content was used for the analysis, interpretation and understanding of the data gathered. The importance of aesthetic, artistic, didactic and pedagogical spaces within school contexts was confirmed, as they enabled the access to the universe of visual, aesthetic and artistic production by creating an environment in which students and the school community have meaningful experiences through the exposition to the production, enjoyment of these forms and reflections coming from the art/life relation, expanding – in the dialogic relationship with the other – values and cultural, aesthetic, artistic, visual and ethic concepts.

Keywords: Eye Education; Teaching of Art; Aesthetic Space; Historical and Cultural Psychology.

Com um olhar proveniente das praxes pedagógicas do Ensino Fundamental público, buscamos melhor sistematizar processos de ensino-aprendizagem que conduzam a uma efetiva educação estético-artístico-visual. Compreendendo o ensino de Arte como área de conhecimento, com conteúdos específicos, o entendimento de arte para todos passa a ser um

grande objetivo deste ensino. As imagens são colocadas no centro da aprendizagem e a leitura de imagens é referência significativa neste processo.

Enquanto mediadores da cultura visual, questionávamos como interferir no espaço escolar, de forma a estabelecer com os alunos uma relação estético-artístico-visual mais sistemática e intensa. Se o meio ambiente da cidade passou a ser suporte para os artistas, um canal para propor uma nova ordem visual dos espaços, por que a escola não poderia iniciar este movimento? Por que não criar um espaço de exposição na escola, onde os alunos, em constante interação social, pudessem ampliar seu campo de conhecimento artístico-visual, constituindo-se leitores visuais e também autores expositores?

Não pretendíamos uma galeria de arte fechada, nem tampouco um espaço cultural aberto a todos os propósitos escolares, mas um espaço destinado a diversas manifestações estético-artísticas que abrangesse a cultura visual para além da sala de aula, um espaço de passagem, que fizesse parte do cotidiano escolar e fosse de livre acesso a todos.

Impulsionados pela possibilidade do sonho, elaboramos o projeto de ensino e extensão “Espaço Estético - CA/UFSC”, o qual foi aprovado em 1997.

Em março de 1998, com a abertura da exposição inaugural, consolidava-se efetivamente na escola um espaço para apreciação, leitura, reflexão, análise e discussão de diversas produções visuais: as gestadas no dia-a-dia em sala de aula, bem como as produzidas autonomamente, frutos de pesquisa de alunos, ex-alunos, comunidade escolar e realizadas por arte-educadores, pesquisadores e artistas convidados.



Espaço Estético - CA/UFSC, *Pinturas*, mostra inaugural de pinturas de Gisela Barcellos de Souza e Hugo Eduardo Amorim, ex-aluna da 3ª série e aluno da 1ª série, ambos do Ensino Médio do Colégio de Aplicação. *Fonte - Arquivo de imagens do Espaço Estético.*

Considerando a avaliação peça-chave do processo ensino-aprendizagem, delimitamos os objetivos da pesquisa de dissertação que ora apresentamos: Investigar os sentidos do “Espaço Estético do Colégio de Aplicação da UFSC” para alunos do Ensino Fundamental, visando analisar como estes significam o processo de educação estético-artístico-visual a que foram submetidos, bem como se, e de que maneira, este espaço provoca mudanças no olhar estético de quem por ali transita.

Os aportes teóricos da Psicologia Histórico-Cultural de Lev Semenovitch Vygotski (1984, 1998, 1999, 2001) e interlocutores, bem como a proposta Triangular do Ensino de Arte de Ana Mae Barbosa (1991, 2002) fundamentaram a realização do presente estudo. Na dinâmica de

investigação, foram utilizados como procedimentos para a coleta de informações: entrevistas com alunos da 8ª série do Ensino Fundamental, observações *in loco* e documentos, sendo a análise de conteúdo utilizada para a análise, interpretação e compreensão das informações obtidas.

No intuito de apresentar os sentidos do Espaço Estético no contexto escolar, enfocaremos neste texto a fala dos alunos, apresentando as categorias de sentido atribuídas ao Espaço Estético pelos sujeitos da pesquisa.

A partir das falas dos sujeitos envolvidos na pesquisa, buscamos destacar os diferentes sentidos produzidos e apropriados a partir das vivências em um contexto específico do ensino de Arte, ou seja, o Espaço Estético do Colégio de Aplicação da UFSC.

Sendo o pensamento dos sujeitos aqui expressos por suas falas, pelo narrar, congruente com a vinculação às memórias que, por sua vez, alicerçam-se na vida sócio-cultural das pessoas, nas suas experiências, isto é, na natureza vivencial dos sentidos das palavras e das coisas, concluímos que as lembranças aqui relatadas são conteúdos que se constituíram de ações específicas concretas a partir da vinculação direta destes com o contexto evidenciado.

Após análises das entrevistas, verificamos serem quatro as categorias de sentido atribuídas ao Espaço Estético pelos alunos sujeitos da pesquisa. Passaremos a apresentar individualmente as categorias de sentido expressas, dando visibilidade às falas dos alunos.

Um Lugar de Passagem: É marcado tanto negativamente, enquanto metáfora de passagem no sentido de nunca terem tido a oportunidade de visitar uma exposição com a mediação de um professor. Como

positivamente, ao se evidenciar a possibilidade do olhar. “*Mas acho que foi criado com esta intenção, de a gente principalmente nas aulas de arte, a gente ir olhar, mas só que a gente não faz isso. A gente passa ali só de passagem, né, porque...*” (Jussara) “*Eu acho que é bom, tá num lugar que passa quase todo mundo. Só por passar eu já parava para olhar assim.*” (Olavo) O fato de ser um local de passagem propõe ao mesmo tempo a possibilidade da re-passagem para um outro olhar, no sentido de que em algum momento o sujeito vai olhar.

Um Lugar para Mostrar e se Mostrar: Marcavam especificamente a figura do autor, a quem era permitido expor e deixar sua marca neste Espaço. Esta categoria subdivide-se em três categorias de sentidos:

1) *Um Lugar de Mostra dos (Outros) Alunos:* “*A razão dele existir é para os alunos exporem os trabalhos ali.*” (Cristóvão) A necessidade de marcar este Lugar com a especificidade de que ali os alunos expõem é visivelmente presente. Marcar o lugar do *outro*, aluno, seu par, colega, é reconhecer em si mesmo a possibilidade de, como aluno, poder vir a ocupar esse lugar, ser também autor. A relação de alteridade aqui mediada pelo encontro com o outro, via objeto artístico, revela uma relação interpessoal e uma relação consigo mesmo.

2) *Um Lugar de Mostra de Si:* “*O Espaço Estético para mim é um lugar que a gente pode expor uma obra nossa. É isso que eu entendo por Espaço Estético. É um lugar que a gente tem o direito de colocar.*” (Renam) Marca-se aqui o lugar de reconhecimento do aluno como artista, um lugar de reconhecimento do direito de expor referindo-se a um sentimento possessivo, de participação: aqui sou alguém, tenho o direito de ser, de falar, de ver, de expor. Aqui eu posso ser artista! Sua satisfação desperta nos *outros* um desejo, imprimindo a possibilidade de estes também virem a ser.

3) *Um Lugar para os Professores Mostrarem e se Mostrarem nos Trabalhos dos Alunos*: “Não sei, acho que é só para eles fazerem exposição das coisas que os alunos fazem”. (Sebastião) Ao ser questionado a respeito de a quem se refere por *eles*, responde: “Ah, os professores.” Joana, ao relatar como foi ser expositora, menciona: “Acho que não falam nada para os alunos que pegam trabalhos. Não sei, porque pegaram os nossos”. José aponta: “[...] não tinham nomes os desenhos, aí ninguém sabia que era nosso, só a gente, [...] porque quem expõe ali não sei se queria falar que era ele mesmo ou se queria só botar o desenho ali por botar, entendeu?” As falas apontam que a produção artística do aluno é utilizada como meio para valorizar outro fim, não o aluno autor, mas a mediação didática, ou seja, o professor. Considerando a importância de o Espaço Estético também poder ser apontado como um *Lugar de Valorização da Atuação Docente*, de os professores se mostrarem, organizando mostras didáticas ou não didáticas da produção dos alunos, o que não podemos deixar de considerar é a forma com que a situação é apresentada pelos alunos, é o sentimento de invasão, imposto pelo desrespeito ético e estético que se estabeleceu pela falta de envolvimento e participação, pela negação do direito à voz e à vez aos alunos, em uma mostra que se apresenta como sendo deles. A situação é sutilmente posta à vista e implica no acionamento de um olhar alerta e posicionado no sentido de a situação não ser recorrente.

Um Lugar para Ver: Anunciando seu sentido pelo ângulo do Olhar, este é caracterizado como um lugar que possibilita um maior contato com a arte. Ao relacionar o Espaço Estético ao museu, Renam assume a posição de apreciador: “[...] como se a gente fosse ver num museu”. Diferencia-o no sentido de que no Espaço Estético a produção artística exposta é menor; os expositores não necessitam serem consagrados; não existe intencionalidade comercial na mostra e os alunos têm o direito de ver. Jussara, assim como

Renam, aponta para a relação que o Espaço tem com a disciplina de Arte, tendo em vista a intencionalidade do olhar, destacando que o bom, o sabor deste espaço, é a possibilidade de acionamento do olhar de estranhamento que se diferencia do olhar comum por permitir ver o diferente, o que não é habitual. Afirma: *“Eu acho que é bom porque a gente vai estar vendo coisas diferentes que a gente não vê assim direto [...]. Mas acho que foi criado com esta intenção, de a gente, principalmente nas aulas de arte, a gente ir olhar [...].”* (Jussara) Já, para Sebastião, o sabor está na beleza imposta pela diferença que este local detém frente aos demais espaços escolares, *“Ah, para mim não tem nada, só é legal. Porque a gente passa ali e se não tivesse nada daí ia ser um ambiente assim, meio chato, daí fica um ambiente legal, [...] mais bonito, mas é normal.”* (Sebastião) Um ambiente que se humaniza, que se destaca pela beleza, pelo sabor de olhar. Este *Lugar para Ver* nos desperta para uma educação do olhar, a qual contempla a possibilidade do saborear, do olhar contemplativo, de deleite. Evandro, Cristóvão, Olavo e Jussara declararam que, anteriormente à criação do Espaço Estético, dificilmente tinham contato ou costumavam ver arte e, após sua criação, passaram a ver mais. Joana aponta: *[...] envolve mais a gente com a arte porque, como não tem artes plásticas também todo o ano, [...] parece que a gente ia esquecer que tem [...] a gente, ou não tem tempo, ou sei lá, não quer participar de exposições em outros lugares; como tem aqui no colégio, eu acho que a gente se envolve.”* Este *Lugar para Ver* instiga o acionamento de um olhar desarmado, que não apenas concebe e reflete, mas se encanta, permitindo abertura de sentidos e estabelecendo uma relação mais intensa com a arte.

Um Lugar de Aprendizagens: Para ver e compreender. Um maior contato com a arte anuncia, portanto, a relação recíproca de contato exterior e interior, de um olhar que não se resume no que é visto, mas na forma com

que me relaciono com o que vejo, como estabeleço relação com este olhar, como sinto, penso, imagino, significo e me aproprio, o que apreendo, compreendo daquilo que vejo. *“Para mim é uma forma de cultura e arte [...] O Espaço Estético do colégio é bem diversificado, é bem interessante. [...] bem significativo porque tu aprendes um pouco olhando. Aprendes que não tem só um tipo de estilo, cada um tem seu jeito. Tu não podes criticar coisas que a outra pessoa fez, sem saber porque que ela fez aquilo, entendeste?”* (José) O olhar de José amplia as possibilidades de sentidos do que lhe é dado a perceber. Seu olhar aponta para a leitura de um espaço estético que não se resume a um local de exposição de trabalhos de arte, mas que se apresenta a nós no nosso cotidiano, um espaço que habita em nós, tanto como somos por ele habitados. Indica as diferenças que se apresentam nas diversas possibilidades de ser e olhar. Seu olhar marca sua singularidade, sai de si e entra em si, reconhecendo que os sentidos se constroem a partir da vivência cultural em interação permanente com o contexto e a linguagem. A relação apreciador-entendimento do que lhes é dado a olhar é enfaticamente reivindicada pelos alunos como necessária para que este ato seja prazeroso e faça algum sentido. *“Quando eu consigo entender eu gosto, se não entendo não tem muito sentido, porque daí não é uma coisa que eu vou lembrar, assim, daí eu não vou entender mesmo, daí deixa para lá”* (Cristóvão). Joana aponta: *“É eu acho que é legal quando a gente entende o que eles querem passar [...]”* O sabor do olhar contemplativo, que vivenciam pelas qualidades do objeto apreciado, que estimula os sentidos, a percepção, ou o sabor do olhar do realismo do conteúdo que expressa e que creem reconhecer e entender, é visto como legal, prazeroso e compreensível. No momento em que o olhar aciona o pensamento à reflexão, à consciência, ao juízo, a arte se apresenta como um enigma, um conceito a ser decifrado pelo olhar espectador, olhar este que solicita uma atitude de análise, expressando-se pelo desejo de compreensão

para que se possa gostar. Ao notarem que, na experiência visual, a percepção das coisas em si não dá conta de abarcar o fenômeno artístico em sua complexidade, os alunos solicitam mediação, pelo sentido do outro (autor), como se este fosse único, o porto seguro a ser buscado. Nos apontamentos referentes ao que poderia melhorar no Espaço Estético, os alunos evidenciam com maior ênfase a falta de mediação, acompanhada da necessidade de um trabalho de ação educativa mais efetivo que os incentive a serem expositores e leitores: “[...] *Acho que os professores e o Colégio deveriam incentivar mais os alunos a passarem por ali, olhar, observar e... [...] Sabe, levar ali, tentar fazer trabalho para expor ali, porque quando a gente tá fazendo alguma coisa para botar a gente dá mais valor, né?*”(Jussara) Eduardo menciona: “[...] *Acho que os professores lá do ginásio, eles deviam sair com os alunos, pra ir ali. Eles nem tocam no assunto, só os de arte que falam alguma coisa do Espaço. Ir lá, conversar. A gente só fica lá trancado naquela sala. Eu acho que tem alguns professores que nem sabem o que é aquilo ali.*” Dos depoimentos dos alunos que realizaram visitas mediadas, destaca-se a importância e a necessidade de continuarmos realizando-as e planejando-as, de forma a possibilitar a todos oportunidades de vivenciar esta experiência. Na trama educativa e na dialética da formalidade e da informalidade, o espaço de aprendizagem vai se constituindo, informalmente inclusive. Um *Lugar de Aprendizagens* contempla, assim, a dimensão educativa do Espaço Estético, abrangendo seus múltiplos sentidos de ensinar e aprender em relação: um *Lugar de Passagem*, um *Lugar para Mostrar e se Mostrar*, um *Lugar para Ver* e um *Lugar para Compreender*, ‘*Ad-mirar*’ arte, nos diria Freire (1998).

Por mais que a arte se apresente polissêmica, por mais que use metáforas, por mais que proporcione o estranhamento, que se esquive dos títulos, que se pretenda aberta, mais o sujeito busca encontrar um sentido que lhe possa prender e apreender, que o capture e o preserve da angústia

que parece acompanhar o lugar da polissemia em uma sociedade marcada por projetos de “verdades”. Se a linguagem artístico-visual é aberta, resultante da interação de fatores subjetivos e objetivos, e esta é sua singularidade, sua importância e singularidade refletem-se pelos sentidos que pode fazer circular. Desta forma, sua compreensão se constitui das vivências de olhares atentos que, mediados pela linguagem, interagem na busca de sentidos múltiplos, que assumem direções irradiantes, para aqui e acolá.

Podemos comprovar pelas falas dos alunos o quanto a constituição do olhar estético é resultante do desenvolvimento sócio-cultural e o quanto o desenvolvimento estético depende da familiaridade estético-artística e das concepções de arte e cultura engendradas em contextos sociais específicos.

Desta forma, percebe-se que as possibilidades de ampliação do processo de alfabetização estético-artístico-visual da comunidade escolar estabelecem-se pouco a pouco nas relações que ali se engendram, à medida que proporcionam o desvelamento de alguns mitos, afirmando-se o caráter social de toda e qualquer criação humana, na inter-relação existente entre o produto da atividade criadora e as novas e ilimitadas significações tanto para o autor/criador quanto para o público/leitor. O mito do gosto inato vai quebrando-se à medida que este público passa a reivindicar mediação para a leitura e a contextualização histórica, possibilitando a compreensão artística. Igualmente, o mito do dom inato, sustentado pela “aura” do artista e da obra de arte, vai rompendo-se com a aparição concreta do artista frente às pessoas, com o diálogo franco e direto viabilizado pelos *Encontros com o(s) Artista(s)*, propiciando um reconhecimento tanto do produto quanto de seu produtor como pessoas concretas, sociais, históricas. Finalmente, se desfaz a visão do professor como mito do saber, agora olhado como ser humano, com todas as implicações que esta vivência possibilita.



Espaço Estético - CA/UFSC, *Caminho Aberto*, exposição de trabalhos desenvolvidos por alunos do CA/UFSC na disciplina de Artes Visuais, sob orientação do professor Galheigo Jacques, proponente da mostra. Fonte - Arquivo de imagens do Espaço Estético.

Um grande valor do Espaço Estético é que este dá lugar na escola para o diferente, o inesperado, o inoportuno, expondo o grande segredo de que o conhecer não é “algo dado”, mas se constitui nas relações, na história e na cultura, nas oportunidades que se apresentam ao olhar e ao pensar sobre o exposto. Descobre-se que o saber e o olhar estético não são simplesmente privilégios de poucos, e que, mesmo os poucos que supõem saber, a qualquer momento podem ser tomados pelo não saber.

Ao permitir o acesso livre, direto e irrestrito a toda comunidade escolar, o Espaço favorece a informalidade, vindo a ser complemento da formalidade e importante para o enriquecimento da alfabetização estética. Tal fato é corroborado pelas “visitas” conjuntas de alunos, fazendo com que olhem mais e comuniquem de alguma forma este olhar, resultando, portanto, em uma proposta educativa que busca ir além da pedagogização tradicional. Deriva daí que os alunos exponham questões, relativizem o conhecimento ao apresentarem espontaneamente suas falas, buscando explorar os sentidos múltiplos que ecoam nesses encontros e deixando vir à tona o que muitas vezes é ocultado.

Constatou-se a importância da criação de espaços estéticos, artísticos, didáticos e pedagógicos em contextos escolares por possibilitarem o acesso ao universo da produção estético-artístico-visual, oportunizando condições para que alunos e comunidade escolar vivenciem experiências significativas através da exposição da produção, da fruição dessas formas e das reflexões provenientes da relação arte-vida, expandindo, na dialogia com o outro, valores e conceitos culturais, estéticos, artísticos visuais e éticos.

Considerando que a função da escola é não apenas a de socializar conhecimentos científicos, mas também a de possibilitar a constituição de sujeitos críticos, criativos e transformadores da realidade, de forma que os alunos possam interpretar o mundo e nele deliberadamente intervir, buscamos com esta pesquisa contribuir para a construção de uma escola em que a dimensão ética e estética seja valorizada, onde a expressividade do sujeito seja permitida e onde o conhecimento já sistematizado seja tratado de forma histórica e em sua condição polissêmica.

Com olhar flexível, constatamos que os lugares construídos para as atividades de ensinar e aprender são passíveis de serem transformados e apropriados em razão de nossas necessidades humanas e que, ao serem configurados como lugares pessoais e alheios, imprimimos-lhes novos sentidos, transformando-os em lugares quentes e vivos, os quais, tendo em conta o ponto de vista móvel, são antes possibilidades que limites.

Referências:

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação Iochpe, 1991.

_____. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **La imaginación y el arte en la infancia** (*Ensayo psicológico*). Madri: Akal, 1998.

_____. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZANELLA, A. V. **Vygotski: contexto, contribuições à psicologia e o conceito de zona de desenvolvimento proximal**. Itajaí: UNIVALI, 2001.